

AS FASES HISTÓRICAS DA ANÁLISE LINGUÍSTICA: CARACTERIZAÇÕES E EXEMPLIFICAÇÕES

Bruno Ciavolella¹

Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR, Paranavaí, PR, Brasil

Renilson José Menegassi²

Universidade Estadual de Maringá, UEM, Maringá, PR, Brasil

Resumo: Este artigo almeja contribuir para a expansão conceitual e prática da história da análise linguística (AL) como eixo de ensino das aulas de Língua Portuguesa no Brasil. Para tanto, elaboram-se, exemplificam-se e caracterizam-se atividades de AL a partir de um recorte temporal de três fases já constituídas pela literatura: 1ª) 1980-1990; 2ª) 2000-2010; e 3ª) 2010 até os dias atuais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho teórico e prospectivo-exemplificativo. A primeira fase se sustenta na concepção interacionista de linguagem, cujas atividades se caracterizam pela reflexão a respeito dos recursos expressivos como possibilidades de construção de sentido. A segunda fase é tipificada pela reflexão sobre a constituição do gênero discursivo a partir das escolhas linguístico-discursivas. A terceira fase se marca por atividades que buscam a reflexão sobre como os recursos expressivos se constituem como escolhas valorativas, a refratar e refletir as ideologias que se fazem pela linguagem. Com isso, subsidia-se o professor e o pesquisador do ensino de língua na compreensão, produção e aplicação de atividades de análise linguística.

Palavras-chave: Análise linguística; Fases históricas; Caracterização.

Title: The historical phases of linguistic analysis: characterizations and exemplifications

Abstract: This article aims to contribute to the conceptual and practical expansion of the history of linguistic analysis (LA) as a teaching axis for Portuguese language classes in Brazil. To this end, LA activities are elaborated, exemplified and characterized based on a time frame of three phases already constituted in the literature: 1st) 1980-1990; 2nd) 2000-2010; and 3rd) 2010-present day. This is qualitative research of a theoretical and prospective-exemplary nature. The first phase is based on the interactionist conception of language, whose activities are characterized by reflection on expressive resources as possibilities for constructing meaning. The second phase is typified by reflection on the constitution of the discursive genre based on linguistic-discursive choices. The third phase is marked by activities that seek to reflect on how expressive resources constitute themselves as evaluative choices, refracting and reflecting the ideologies that are created through

¹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente do Colegiado de Letras, da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Paranavaí. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0271-8350>. E-mail: bruno.ciavolella@unespar.edu.br.

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Docente do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7797-811X>. E-mail: renilsonmenegassi@gmail.com.

language. Hence, it supports the teacher and language teaching researcher in understanding, producing and applying linguistic analysis activities.

Keywords: Linguistic analysis; Historical phases; Description.

Considerações iniciais

A análise linguística (AL) constitui-se como um dos eixos do ensino de Língua Portuguesa (LP) prescritos pelos documentos oficiais que têm orientado a prática pedagógica no contexto brasileiro nas últimas décadas (Brasil, 1997, 2017). Possui como principal compromisso promover reflexões acerca dos recursos expressivos que compõem a língua em situação de uso específico, em enunciados concretos materializados nos gêneros discursivos. Nesse sentido, os recursos expressivos são compreendidos como os aspectos linguísticos que se materializam na utilização da língua em uso real, isto é, no enunciado concreto, e podem ser entendidos a partir de sua múltipla natureza linguística, textual, discursiva e gramatical, a depender do nível e do interesse de análise proposto (Geraldi, 1991).

Como objeto de ensino e de pesquisa, a AL desenvolveu-se de forma heterogênea nas últimas quatro décadas, as quais, para Polato (2017), seriam divididas em três fases: 1ª) décadas de 1980 e 1990; 2ª) primeira década dos anos 2000 (2000-2010); e 3ª) segunda década dos anos 2000 (2010-2020) em diante, com as contribuições de diferentes abordagens teórico-metodológicas desenvolvidas pelos estudos linguísticos no país.

Sob a terminologia de análise linguística, concentram-se concepções, discursos, práticas e atividades muitas vezes diferentes e divergentes; entretanto, todos relacionados ao trato com os recursos expressivos da língua em situação de uso. Esse cenário multifacetado, se por um lado aponta o interesse de diferentes aportes teóricos para contribuir com sua expansão conceitual e metodológica, por outro acentua ainda as dificuldades de compreensão e de efetivação da AL no espaço escolar. Isso se deve, dentre outras razões, pela distância temporal e de acesso entre as pesquisas desenvolvidas pela academia – lócus preferencial e de maior prestígio de desenvolvimento teórico e metodológico da AL – e sua recepção, compreensão, discussão e implementação nas salas de aula da Educação Básica no Brasil, a ser ultrapassada no decorrer dos estudos e pesquisas desenvolvidos.

Apesar de uma produção acadêmica vasta e significativa, há muitos entraves para que a AL se concretize realmente nas aulas de LP (Costa-Hübes, 2017), que se justificam, dentre outros fatores, pela dificuldade do professor da Educação Básica na compreensão, preparação e execução de atividades desse eixo de ensino, a se considerar a ausência de uma formação continuada e específica para tal demanda. Ao analisar os estudos voltados à historicidade da AL no contexto brasileiro (Polato, 2017; Polato; Menegassi, 2019a, 2019b, 2021), bem como àqueles que, com o intuito de se aprofundarem na caracterização teórico-metodológica da AL, recuperam e analisam trabalhos importantes para a constituição desse objeto de ensino (Bezerra; Reinaldo, 2013; Rodrigues, 2021), nota-se que a questão de preparação e construção das atividades e a sistematização de suas características parecem receber menor ênfase em

relação à explanação teórica que subjaz as diferentes perspectivas que têm corroborado para o desenvolvimento da AL.

Estabelece-se um cenário que merece atenção, posto que a caracterização e a exemplificação das atividades de AL, aliadas à formação docente específica para o trato dessas questões – seja na formação inicial ou continuada, constituem-se como uma ferramenta significativa para que o professor saiba preparar e executar as atividades de AL voltadas ao contexto efetivo de ensino de língua na escola brasileira. O enfoque na caracterização e exemplificação das atividades de AL se faz necessário para auxiliar o professor e o pesquisador em sua prática pedagógica e ainda se torna uma possibilidade de contribuir com as pesquisas que têm se dedicado à compreensão do percurso histórico da AL no Brasil (Polato; Menegassi, 2021).

Esse contexto revela duas lacunas a respeito do ensino e da pesquisa sobre AL que se apresentam como as justificativas de produção deste texto: a) a menor ênfase na caracterização e exemplificação das atividades de AL no percurso histórico de desenvolvimento no Brasil; e b) a dificuldade de o professor da Educação Básica preparar e executar as atividades de AL. A esse respeito, temos por objetivos i) contribuir para a expansão conceitual e a prática da história da AL no Brasil por meio de caracterização e exemplificação das suas atividades ao longo das diferentes fases do seu percurso constitutivo nas últimas décadas; e ii) oferecer subsídios para que o professor da Educação Básica possa elaborar e executar as atividades de AL de maneira adequada.

Inserida na Linguística Aplicada, a considerar sua natureza teórico-prática e seu interesse na resolução de problemas sobre a linguagem em interação nos mais diversos contextos sociais (Moita Lopes, 1996, 2009), desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, de cunho teórico (Bortoni-ricardo, 2008)³ e prospectivo, compreendido como “o estudo, por exame minucioso, de probabilidades e alternativas exequíveis de atividades, a permitir ampliação de possibilidades de trabalhos a um aspecto da língua/linguagem em análise e discussão” (Menegassi, 2024, p.108). Para tanto, a partir da historicidade de AL no Brasil (Polato, 2017; Polato; Menegassi, 2019a, 2019b, 2021), elaboramos, caracterizamos e exemplificamos atividades de AL a partir dos pressupostos teórico-metodológicos das diferentes fases de sua constituição. Optamos por elaborar as atividades em vez de coletar de livros e de outros materiais didáticos já publicados porque o objetivo é demonstrar detalhadamente as contribuições de cada abordagem teórico-metodológica em cada uma das fases do percurso histórico da AL. Cabe esclarecer que as atividades de AL apresentadas não se constituem como um protótipo didático a ser aplicado tal qual exposto em sala de aula, nem tampouco foram concebidas em forma de sequência didática, mas sim elaboradas como possibilidades de demonstrações específicas com os pressupostos teórico-metodológicos de cada uma das fases de desenvolvimento da AL. Cada exemplificação é acompanhada de análises sobre sua compreensão.

³ Pesquisa desenvolvida junto aos projetos: “Escrita, revisão e reescrita na formação docente – Fase 2”, 2796/2021/UEM, CAAE 54133216.6.0000.0104, e “Linguagem em interação: ensino, letramento e diversidade”, 1410/2021/UEM, CAAE 48128521.1.0000.0104.

Para o processo de elaboração das atividades de AL, escolhemos um mesmo enunciado concreto, representativo do gênero discursivo “charge”, sobre o qual se ilustram as atividades das três fases históricas de constituição. A charge tem por título “Os empreendedores” e foi escolhida por apresentar possibilidades significativas de reflexão a respeito da produção de sentidos e de valores por meio dos recursos expressivos que a constituem, conforme se pode observar na Figura 1.

Figura 1 – Charge “Os empreendedores”



Fonte: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/charge-os-empreendedores/>.

A charge, de autoria do sociólogo e cartunista Toni D’Agostino, compõe a série de charges intituladas “Os empreendedores”, publicadas em seu perfil no *Instagram* e em várias páginas de jornal online, como, por exemplo, o jornal Diário do Centro do Mundo, de onde a retiramos. A série “Os empreendedores” inscreve-se no cronotopo da Pandemia de covid-19 (2020 a 2022), que intensifica o contexto de crise política e social no Brasil. Trata-se de um período de aprofundamento das desigualdades sociais, marcado pelo crescente aumento no índice de desemprego e pelo discurso neoliberal que vê no trabalho informal a solução para os problemas que o país enfrenta, valores sociais a serem considerados para as análises. De forma específica, a charge também faz referência à “Breques do App”, a greve dos entregadores de aplicativo ocorrida em 2020 em razão da precarização desse tipo de trabalho, que passou a ser essencial no contexto pandêmico.

Assim, este texto se inicia com uma breve explicação a respeito da escolha do recorte histórico da AL adotado. Logo após, são expostas as atividades de análise linguística elaboradas a fim de caracterizar e exemplificar a partir das premissas teórico-metodológicas de cada uma de suas fases junto às respectivas discussões. Ainda, são apresentadas discussões sobre as contribuições de cada uma das fases, tendo os exemplos como materialidade.

O percurso histórico sobre a Análise Linguística no Brasil

Dentre as possibilidades de se traçar o percurso histórico da AL, Polato (2017) o faz por meio de recorte temporal, dividindo-o em três fases: 1ª) décadas de 1980 e 1990; 2ª) primeira década dos anos 2000 (2000-2010); e 3ª) segunda década dos anos 2000 (2010-2020) até os dias atuais. Para tanto, analisa as principais publicações científicas de cada um desses períodos a fim de compreender como as diferentes abordagens teórico-metodológicas contribuíram para o desenvolvimento do objeto de ensino e pesquisa. Torna-se oportuno pontuar que a caracterização da história da AL em fases não implica considerar que há uma divisão temporal e conceitual estanque, mas tampouco se constitui como uma escolha metodológica para se compreender o processo constitutivo da AL. Outrossim, entendemos que as fases de desenvolvimento da AL não são entendidas de formas isoladas, posto que, entre elas, não há um processo de exclusão; há, sim, ampliação conceitual e metodológica, justamente por ser objeto de investigação científica dentro da Linguística e da Linguística Aplicada. Ainda, como recorte analítico, são priorizados, para caracterização e exemplificação das atividades, os pressupostos teórico-metodológicos que se pautam nos vieses interacionista e dialógico da língua e da linguagem, as teorias que mais desenvolveram perspectivas de trabalho para a AL.

Primeira Fase (1980-1990): as proposições de Geraldi e de Franchi

Nas décadas de 1980 e 1990, a AL é proposta como alternativa pedagógica para a renovação do ensino de LP, a se legitimar como um dos eixos de ensino no Brasil, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997). Nesse panorama, destacam-se as publicações de Geraldi (1984a, 1984b [1981], 1984c [1981], 1984d [1983]) e de Franchi (1991 [1987]), que apresentam as proposições fundamentais para compreender os objetivos da AL em meio ao discurso da necessidade de superação do ensino gramatical, de vertente tradicional nas aulas de LP, uma postura inovadora à época.

As primeiras referências explícitas à AL datam da década de 1980 e constam nos artigos “Unidades básicas do ensino de português” (Geraldi, 1984b [1981]), “Concepções de linguagem e ensino de português” (Geraldi, 1984c [1981]) e “Prática da leitura de textos na escola” (Geraldi, 1984d [1983]), que compõem a obra *O texto na sala de aula* (Geraldi, 1984a), organizada por Geraldi em 1984. Nesses capítulos, o autor alvitra uma alternativa ao ensino tradicional de gramática, tônica do ensino de LP até então, por meio de três unidades inter-relacionadas: prática de leitura, prática de produção de textos e prática de análise linguística, as quais posteriormente alcançaram a designação de práticas de linguagem nos documentos oficiais PCN (Brasil, 1997) e BNCC (Brasil, 2017). A princípio, já se ressalta o encaminhamento metodológico sugerido para o desenvolvimento da AL como uma prática de linguagem, não apenas de ensino de língua prescritiva. Por esse motivo, os estudos atribuídos a Geraldi sobre a AL, no campo da Linguística Aplicada, têm sido denominados como Prática de Análise

Linguística (PAL), com o intuito de demarcar um viés teórico-metodológico específico sobre esse eixo⁴.

A PAL, sem negar a sistematicidade inerente à língua, concebe-a por uma orientação sociológica, a reconhecer sua propriedade histórico-social, que se constrói no uso em processos interativos – é uma visão sociovalorativa da língua. Logo, nasce com o propósito de contribuir para o desenvolvimento da autonomia do estudante por meio de atividades que o levem a refletir, como sujeito-autor de enunciados concretos, sobre as possibilidades linguísticas disponíveis para uso efetivo nas práticas de linguagem sociais efetivas, tornando-se, na realidade, recursos linguístico-discursivos. Por esse motivo, Rodrigues (2021) caracteriza a abordagem delineada por Geraldi (1984a, 1991) como sendo o ensino operacional e reflexivo sobre a língua.

Em primeiro momento, Geraldi (1984d [1983]) orienta que as atividades de análise linguística ocorram juntamente com os processos de revisão e de reescrita, a partir de textos do próprio estudante, com o propósito de refletir sobre os recursos expressivos, como estratégias do dizer, já com um destaque diferenciado do que se propunha como atividade de estudo da língua, que era estanque à produção textual escrita à época.

Em “Portos de Passagem”, obra publicada no início da década 1990, Geraldi (1991) amplia as reflexões a respeito da PAL, com vistas a expandir o escopo de atuação para além da produção textual: “Criadas as condições para atividades interativas efetivas em sala de aula, quer pela produção de textos, quer pela leitura de textos, é no interior destas que a análise linguística se dá” (Geraldi, 1991, p. 5). Para tanto, Geraldi (1991), em referência explícita a Franchi (1991 [1987]), apresenta o tripé metodológico de constituição da PAL: as atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas.

Nesse ínterim, destacam-se as contribuições de Franchi (1991 [1987]) para o desenvolvimento da PAL, sem, no entanto, referir-se explicitamente ao termo. Em “Criatividade e gramática” (1991 [1987]), o autor, empenhado nas discussões em prol da renovação do ensino de LP e do papel da gramática nesse contexto, propõe que a prática pedagógica não se limite à normatividade da língua nem à mera aprendizagem das nomenclaturas gramaticais, mas que leve o estudante a refletir e a criar hipóteses sobre as possibilidades de construções gramaticais disponíveis na língua a partir de seus recursos expressivos. O autor, em diálogo com o que preconiza Geraldi (1984), defende que o estudo da gramática ocorra no contexto de práticas efetivas da linguagem; por isso, propõe que se realize por meio de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas.

Embora caracterizadas como procedimentos didáticos, as atividades reproduzem processos interativos realizados pelos sujeitos em situações de interação: agir pela linguagem, refletir sobre os recursos expressivos e construir conhecimentos a respeito dos aspectos constitutivos da língua. Nesse sentido, as atividades linguísticas estão relacionadas ao agir

⁴ Utiliza-se o termo Prática de Análise Linguística (PAL) para se referir, direta ou indiretamente, às proposições conceituais e metodológicas de Geraldi sobre o encaminhamento desse eixo de ensino de Língua Portuguesa no Brasil. Por outro lado, o termo “análise linguística” se reporta, de forma geral, às pesquisas e práticas das mais diferentes perspectivas teórico-metodológicas desse eixo de ensino.

com a linguagem – em sala de aula, são as atividades que ocorrem por meio de uma prática de linguagem efetiva, seja pela leitura ou pela produção de textos orais ou escritos. Por sua vez, as atividades epilinguísticas visam à reflexão sobre os recursos expressivos utilizados nos processos de compreensão leitora e de produção textual. As atividades metalinguísticas buscam construir conhecimentos técnico-científicos sobre os recursos expressivos que constituem o enunciado. Para Geraldi (1991), é o momento de se abordar o aspecto sobre a língua a partir da metalinguagem utilizada para descrevê-la.

As proposições teórico-metodológicas de Geraldi (1984a; 1991) e de Franchi (1991 [1987]) são muito significativas para o desenvolvimento da primeira fase de constituição da AL no Brasil, a encaminhar o seu processo expansivo posterior. De forma geral, no Quadro 1, destacam-se as características da primeira fase da AL.

Quadro 1 – Características da primeira fase da AL (1980-1990)

1. Ocorre em consonância com as práticas de linguagem efetivas de leitura e de produção textual.
2. Ampara-se em atitudes interativas típicas do sujeito em situação de interação social: agir pela linguagem, refletir sobre os recursos expressivos e poder construir conhecimentos conscientes ou não a respeito dos recursos linguísticos empregados.
3. Constrói-se por meio do tripé metodológico de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas.
4. As atividades linguísticas se relacionam ao agir com a linguagem, a se efetivar pelas práticas de leitura e de produção textual escrita.
5. As atividades epilinguísticas visam à reflexão acerca dos recursos expressivos como possibilidades e estratégias de interagir e de construção de sentidos nas práticas de leitura e de produção textual.
6. As atividades metalinguísticas se destinam à construção de conhecimentos a respeito dos recursos expressivos formais de maneira processual.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir das principais proposições teórico-metodológicas da primeira fase de desenvolvimento da AL, passamos a exemplificar, para depois caracterizar, possibilidades de atividades de AL. Considera-se, para tanto, que as atividades têm por público-alvo estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Como o objetivo recai sobre a PAL, apresentamos as atividades de análise linguística epilinguística e metalinguística, a pressupor um trabalho anterior com a leitura da charge, conforme orientam Angelo e Menegassi (2022), Menegassi (2022) e Menegassi, Fuza e Angelo (2022) a inserir os estudantes em práticas efetivas de linguagem sobre e com a língua (Geraldi, 1991).

Exemplos de atividades epilinguísticas

- 1) *Por que o cartunista optou pelo título “Os empreendedores”, em vez de “Os trabalhadores autônomos”?*
- 2) *A escolha do título “Os empreendedores” se relaciona ao projeto de dizer do autor, a revelar na charge*
 - (A) *um efeito de humor, posto que o empreendedorismo está sendo ironizado.*
 - (B) *um efeito engraçado, pois se deseja ridicularizar a posição dos trabalhadores autônomos que acreditam ser empreendedores.*
 - (C) *um efeito sério, a ressaltar que a vida de patrão é melhor que a de empregado.*

(D) um efeito dramático, por destacar a situação social utópica de empreendedores autônomos.

- 3) *Reescreva o título da charge, a construir outra possibilidade a partir da proposta do cartunista.*

As atividades 1) e 2) abordam a escolha linguística feita pelo autor em relação ao título da charge, posto que as atividades epilinguísticas se centram nos recursos expressivos, a se delinear como uma de suas características. Ao se questionar sobre a escolha da expressão “Os empreendedores” em vez de “Os trabalhadores autônomos”, busca-se chamar a atenção para o fato de as palavras possuírem sentidos diferentes a partir do contexto específico em que são utilizadas e constituírem-se como opções, isto é, como estratégias do dizer e da construção de sentido para o autor no momento da escrita de seu texto (Geraldi, 1991), uma caracterização própria da atividade epilinguística. Pretende-se iniciar o processo de desenvolvimento da noção de que o autor, a partir de seus objetivos, seleciona palavras e estruturas linguísticas a fim de atingir seu propósito de dizer, já que age com, pela e sobre a língua (Geraldi, 1991).

No contexto da charge, a opção pela expressão “Os empreendedores” se trata de uma ironia à política de precarização das condições de trabalho. Objetiva-se valorizar a atividade de reflexão sobre as escolhas linguísticas e seus efeitos de sentidos produzidos e, com isso, ampliar o processo de compreensão do texto. Logo, as duas primeiras atividades se fundamentam em um aspecto crucial para a PAL a partir das ponderações de Geraldi (1991), ou seja, buscam compreender como os aspectos constitutivos da língua são mobilizados como estratégias do dizer e da construção de sentido nas práticas interativas, a se constituírem como características das atividades epilinguísticas a partir dessa abordagem.

Na atividade 3), solicita-se que outro título seja elaborado a partir da proposta de sentido e dos objetivos pretendidos pela charge. A atividade de reconstrução coloca o estudante em atividade de agir com a linguagem e contribui para a tomada de consciência sobre a importância de conhecer a língua e seus aspectos constituintes e, como sujeito do dizer, de selecionar os recursos expressivos a partir de seus propósitos comunicativos. Franchi (1991 [1987], p. 12) assinala que “a atividade do sujeito não é somente uma atividade que reproduz, ativa esquemas prévios: é, em cada momento, um trabalho de reconstrução”. A atividade epilinguística se caracteriza pelo engajamento do estudante como um sujeito a sempre agir com a linguagem; neste caso, especificamente, pelo estímulo à reconstrução de enunciados a partir das opções disponíveis na língua. De forma geral, no Quadro 2, elencam-se as características das atividades epilinguísticas a partir da exemplificação proposta:

Quadro 2 – Características das atividades epilinguísticas na primeira fase da AL (1980-1990)

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none">1. Centram-se nos recursos expressivos que constituem o texto.2. Promovem a reflexão sobre a seleção dos recursos expressivos que constituem o texto.3. Buscam a construção de sentidos por meio da análise dos recursos expressivos.4. Refletem a respeito das escolhas dos recursos expressivos face aos propósitos pretendidos pelo autor.5. Estimulam a reelaboração de construções linguísticas. |
|---|

Fonte: Elaborado pelos autores.

Após a exemplificação das atividades epilinguísticas, passa-se às metalinguísticas.

Exemplos de atividades metalinguísticas

- 1) *A expressão “Os empreendedores” teria o mesmo sentido se fosse reescrita como “Uns empreendedores”?*
- 2) *O termo “Os” pertence à classe gramatical “artigos”, que têm por característica anteceder a um substantivo e por função determiná-lo ou não. No caso, “os” é um artigo definido, o que se pressupõe uma definição, isto é, um conhecimento a respeito do substantivo a que se refere. Além de “os”, os outros artigos definidos são: “o, a, as”. Explique o sentido que o artigo “os” atribui ao substantivo “empreendedores” na charge.*
- 3) *O termo “Uns”, por sua vez, é um artigo indefinido, assim como “um, uma, umas”. O artigo indefinido pressupõe uma generalização a respeito do substantivo que o artigo acompanha. Explique o sentido do artigo “Uns” a considerar a reescrita para o título da charge: “Uns empreendedores”.*
- 4) *A considerar os conhecimentos gramaticais sobre os artigos definidos e indefinidos, a escolha do artigo “os” em detrimento do artigo “uns” está adequada ao propósito discursivo do autor?*

Entre outras possibilidades de recursos expressivos que poderiam ser abordados, escolheu-se o artigo definido “os” no título “Os empreendedores”, uma vez que as atividades metalinguísticas se constituem a partir da análise de recursos expressivos específicos. Ciavolella (2022) afirma que, na PAL, abre-se a possibilidade de se selecionar qual recurso expressivo será trabalhado, quer seja pela natureza linguística, gramatical, textual ou discursiva, o que não restringe a possibilidade de se fazer mais de uma escolha.

A atividade 1) aponta para a possibilidade de o título “Os empreendedores” ser construído com o artigo “Uns”, a refletir sobre os diferentes sentidos que a alteração acarreta à charge. Na PAL, as atividades metalinguísticas se atrelam aos sentidos a partir de um contexto real de uso, a se diferenciar do ensino de gramática tradicional. Para tanto, antes de apresentar noções conceituais a respeito da classe gramatical “artigo” – um aspecto necessário e relevante à ampliação conceitual do aluno sobre sua prática de uso do recurso – , solicita-se que o estudante crie hipóteses a respeito de possibilidades de sentidos sobre os artigos a fim de se resgatar seus conhecimentos gramaticais (Franchi, 1991 [1987]), os quais poderão ser ampliados e sistematizados a partir das noções conceituais específicas apresentadas posteriormente.

A pergunta 2) se inicia com a conceituação de artigo definido e solicita que o estudante explique o sentido que a utilização do recurso gramatical atribui ao enunciado “Os empreendedores”. A conceituação do artigo definido se trata de uma adaptação de Bechara (2009, p. 153): “chamam-se artigo definido ou simplesmente artigo o, a, os, as que se antepõem aos substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos”. A exposição das noções teóricas a respeito do

tópico gramatical escolhido para o estudo deve estar em consonância com a etapa escolar para a qual as atividades se destinam. No processo de ensino e aprendizagem de LP, cabe ao professor promover a construção de conhecimento sobre a língua a partir de constructos teóricos consolidados. A ancoragem à conceituação gramatical adquire uma ressignificação porque se insere num processo de reflexão sobre a língua. Nesse caso, a exposição conceitual tem por objetivo levar o estudante a compreender a funcionalidade do artigo em um enunciado e observar que seu uso também estabelece sentidos. A articulação do conceito com o sentido em uso se torna fundamental para que o estudante agregue valor ao recurso gramatical (Franchi, 1991[1987]) e compreenda que se constitui como uma estratégia de dizer no processo de compreensão leitora e de escrita de textos (Geraldi, 1991). Apesar de não ser o propósito da atividade sistematizar a aprendizagem da classe gramatical artigo, mas iniciar o processo de construção de conhecimento sobre suas características, as atividades metalinguísticas, em um percurso de PAL, encaminham um processo mais específico de aprendizagem sobre um recurso expressivo da língua.

Por sua vez, a pergunta 3) segue os parâmetros da anterior para que, por meio de uma explicação de natureza teórica, reflita-se sobre o sentido e a função que o artigo “uns acarreta ao enunciado “Uns empreendedores”. Em um processo de operação com e sobre a língua, o estudante é estimulado a refletir sobre conhecimentos de natureza teórica em um processo analítico de um exemplo concreto da língua em uso. Em 4), questiona-se qual opção melhor se relaciona ao projeto de dizer do autor, a corroborar com a ideia de que a língua é formada por possibilidades de construções linguísticas e de estratégias de dizer (Franchi, 1991 [1987]; Geraldi, 1991). A partir da exemplificação de uma proposta de atividades metalinguísticas, depreendem-se suas principais características no Quadro 3.

Quadro 3 – Características das atividades metalinguísticas na primeira fase da AL (1980-1990)

1. Centram-se nos recursos expressivos da língua quer seja no âmbito linguístico, gramatical, textual ou discursivo.
2. Refletem sobre os sentidos e o funcionamento dos recursos expressivos estabelecem na construção do texto.
3. Buscam estimular a criação de hipóteses sobre o funcionamento dos recursos expressivos.
4. Consideram os saberes prévios e internalizados pelo estudante, bem como os conhecimentos científicos pautados em aportes consolidados da Linguística e da Linguística Aplicada sobre os recursos expressivos.
5. Buscam a construção de conhecimento formal a respeito dos recursos expressivos da língua.
6. Podem encaminhar um processo sistemático de aprendizagem acerca de recursos expressivos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Segunda Fase (2000-2010): o papel dos gêneros discursivos

A segunda fase de desenvolvimento da AL no Brasil, na década de 2000-2010, foi marcada por uma heterogeneidade de pressupostos teórico-metodológicos que buscaram expandir o diálogo com as proposições iniciais de Geraldi (1991) e Franchi (1991 [1987]), influenciada, sobretudo, pelos PCN (Brasil, 1997), que instituíram a AL como um eixo de ensino das aulas de LP. Alinhada às concepções interacionista e dialógica de linguagem (Bakhtin, 2011 [1979]), destaca-se, com grande expansão, a influência de teorias que preconizavam o papel

central dos gêneros discursivos no ensino de LP, conforme atestam Bezerra e Reinaldo (2013), Polato (2017) e Polato e Menegassi (2020). Evidencia-se que a AL, nesse período, passa a ser discutida com mais ênfase em função ou sob a perspectiva dos gêneros discursivos, seja com ancoragem explícita aos pressupostos do Círculo de Bakhtin ou a outras teorias que discutiam os gêneros nas aulas de LP. A fim de traçar as contribuições dessa segunda fase de desenvolvimento da AL, selecionamos publicações que tematizaram a AL em relação aos gêneros discursivos, seja por meio de encaminhamentos indiretos, como em Mendonça (2006), seja por meio de filiações diretas às abordagens de gêneros discursivos para o trato com a AL nas aulas de LP, tal qual se observa em Perfeito, Cecília e Costa-Hübes (2007) e Kuhn e Flores (2008).

O trabalho de Mendonça (2006) ratifica as proposições iniciais da PAL e explicita suas diferenças em relação ao ensino tradicional de gramática, discussão necessária nesse contexto, pois ainda havia muitas dúvidas em relação ao que realmente consistia a AL nas aulas de LP: “Surge, então, a proposta da AL que teria como objetivo central refletir sobre elementos e fenômenos linguísticos e estratégias discursivas com o foco nos usos da linguagem” (Mendonça, 2006, p. 20).

Embora sem se ater especificamente à discussão teórico-metodológica sobre os gêneros discursivos, Mendonça (2006) reconhece que as aulas de LP e, por conseguinte, seus eixos de ensino se efetivam a partir de usos concretos da linguagem, em outras palavras, por meio de gêneros como “atividade complementar às práticas de leitura e de produção texto” (Mendonça, 2006, p. 204). A autora ressalta que, na leitura, a AL investiga “os recursos linguísticos usados para construir sentidos” (Mendonça, 2006, p. 212) e para compreender o funcionamento dos gêneros discursivos. Nota-se uma expansão nas proposições iniciais da primeira fase da AL a se tornar um instrumento que contribui para a caracterização dos gêneros discursivos no que tange aos seus aspectos linguístico-discursivos. A PAL possibilita, nas palavras da autora, “ampliar os potenciais de leitura” (Mendonça, 2006, p. 212), porque os recursos linguístico-discursivos são analisados como fatores de construção de sentido a partir das possibilidades oferecidas pelo gênero discursivo. A grande diferença desta fase em relação à anterior é se valer da PAL como um instrumento que contribui com a leitura e com a escrita ao considerar as características dos gêneros discursivos.

Por sua vez, quando explica a PAL junto ao processo de produção textual, Mendonça (2006), dentre outros aspectos relacionados aos processos de revisão e de reescrita, cita a adequação das escolhas linguístico-discursivas ao gênero discursivo. Para a autora, as atividades epilinguísticas e metalinguísticas ocorrem de forma paralela às práticas de leitura e de produção textual.

Por sua vez, Perfeito, Cecília e Costa-Hübes (2007) discutem uma proposta de PAL que aborda o gênero discursivo como objeto central no ensino de LP. Escolheu-se esse artigo a fim de representar as pesquisas realizadas no âmbito do projeto “Escrita e ensino gramatical: um

novo olhar para um velho problema”⁵, coordenado pela professora doutora Alba Maria Perfeito, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), que, nessa década, apresenta contribuições inovadoras e significativas sobre a AL no ensino de LP por meio dos gêneros discursivos. As autoras, com subsídios nos aportes do dialogismo de Bakhtin sobre os gêneros discursivos e nos pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo – ISD (Schneuwly; Dolz, 2004), expõem procedimentos metodológicos para fundamentar a proposta de PAL junto a duas práticas de linguagem nas aulas de LP: a leitura e a produção textual escrita. As pesquisadoras conceituam a AL como “processo reflexivo – epilinguístico – (Geraldí, 1997) dos sujeitos-aprendizes, em relação à movimentação de recursos lexicais e gramaticais e na construção/composição - concretizada em textos pertencentes a determinado(s) gênero(s) discursivo(s)” (Perfeito; Cecília; Costa-Hübes, 2007, p. 139).

Em interação com prática de leitura, para as autoras, a PAL atua como uma ferramenta que favorece a produção de sentidos por meio da análise dos recursos expressivos, a considerar as características do gênero discursivo. A AL, então, faz-se “na mobilização dos recursos linguístico-expressivos, propiciando a co-produção de sentidos, no processo de leitura, tendo em vista o(s) gênero(s) discursivo(s) em que os textos são apresentados” (Perfeito; Cecília; Costa-Hübes, 2007, p. 139). Há a recuperação dos pressupostos de Geraldí (1991) no que diz respeito à PAL se constituir como uma prática de análise dos recursos expressivos e um alinhamento com que Mendonça (2006) afirma sobre a AL potencializar a prática de leitura ao considerar as características dos gêneros discursivos.

Por sua vez, como prática interligada à escrita, a AL, para as autoras, contribui para a compreensão das características composicionais, temáticas e estilísticas do gênero discursivo:

No momento da reescrita textual, local de análise da produção de sentidos; de aplicação de elementos, referentes ao arranjo composicional, às marcas linguísticas (do gênero) e enunciativas (do sujeito-autor), de acordo com o gênero(s) discursivo(s) selecionado(s) e com o contexto de produção, na elaboração do texto (Perfeito; Cecília; Costa-Hübes, 2007, p. 139).

A AL assume cada mais vez o papel de contribuir na aprendizagem da escrita a considerar as características dos gêneros discursivos. Perfeito, Cecília e Costa-Hübes (2007) postulam que a construção composicional do gênero e, logo, as escolhas linguísticas que os caracterizam estão vinculadas aos aspectos extralinguísticos, por isso a necessidade de reconhecer as condições e o contexto de produção. Expande-se, nesse caso, a abordagem da AL que compreende o funcionamento da língua e da gramática em face às condições extraverbais que subjazem a construção do enunciado. Nota-se uma relação com o que advoga Geraldí (1991), entretanto com um acento valorativo maior em relação aos aspectos extraverbais de constituição do enunciado que se traduzem no arranjo composicional do gênero discursivo.

⁵ Outros trabalhos que se filiam a esse projeto são: Perfeito (2005), Cecílio (2009) e Porto (2008). Citam-se ainda as teses de Ritter (2012) e Ohuschi (2013), que, embora publicadas após o ano de 2010, são frutos da discussão da década precedente.

Citados por Bezerra e Reinaldo (2013) como autores de uma das pesquisas mais significativas dessa década na abordagem da AL sob o viés do gênero, Kunh e Flores (2008) apresentam uma proposta de prática de análise linguística a ter por norte a concepção dialógica de linguagem e de gênero do Círculo de Bakhtin, com o intuito de apresentar possibilidades de atividades de reflexão sobre a língua, a atender a demanda dos PCN (Brasil, 1997). Para os autores, a AL, nessa perspectiva, enfoca a análise do enunciado e não simplesmente de uma oração isolada, cujo objetivo se centra na construção de sentido: “A prática de análise linguística, portanto, não pode se restringir ao estudo da oração, mas deve contemplar a linguagem no seu aspecto de enunciado, de unidade constitutiva de um gênero discursivo” (Kunh; Flores, 2008, p. 73). As atividades apresentadas tratam a AL juntamente ao trabalho da leitura e têm por objetivo compreender como os aspectos das condições de produção se marcam em escolhas verbais no enunciado. Em consonância à proposta por Perfeito, Cecília e Costa-Hübes (2007), observa-se um acento valorativo à proposição da AL como uma possibilidade de se compreender como os aspectos composicionais do gênero estão relacionados à situação de interação. A abordagem das atividades epilinguísticas recebe maior ênfase do que a das metalinguísticas, ao passo que a AL é mais associada à leitura do que à produção textual escrita.

De forma geral, a segunda fase de desenvolvimento da AL no Brasil se constitui das características elencadas no Quadro 4.

Quadro 4 – Características da segunda fase da AL (2000-2010)

1. Tem por objeto de análise os gêneros discursivos, por isso, considera inevitavelmente os aspectos da situação de interação verbal, isto é, as condições e o contexto de produção dos gêneros discursivos.
2. Vincula-se diretamente à prática de leitura e à de produção textual com enfoque nos gêneros discursivos.
3. Atrela-se à prática de leitura ao promover a reflexão sobre a construção de sentido a partir das características dos gêneros discursivos em intrínseca relação com os aspectos extraverbais que constituem os enunciados.
4. Atrela-se à prática de produção textual escrita a partir da compreensão da natureza composicional e estilística dos gêneros discursivos em face aos contextos de produção.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Exemplos de atividades epilinguísticas

- 1) *O gênero discursivo charge é, principalmente, veiculado no contexto jornalístico, seja em jornais impressos ou online, bem como em outras plataformas dentro deste campo de atividade humana. O discurso verbal que compõe a charge é formado por frases curtas, com caráter humorístico e irônico, a congregar tanto a linguagem verbal como a não verbal. Reflita e levante hipóteses a respeito da construção textual-discursiva da charge analisada, a considerar seu espaço de circulação.*
- 2) *O gênero charge é característico por sua temática de natureza crítico-social. Nesse sentido, vozes sociais são apresentadas e confrontadas. Nesta charge, as diferentes vozes são observadas nos discursos das duas personagens:*

“VOCÊ NÃO DORME MELHOR SABENDO QUE É SEU PRÓPRIO PATRÃO?”

“EU NÃO DURMO.”

- a) Por que a frase do primeiro personagem é mais extensa e também em forma de pergunta?
- b) Por que a frase do segundo personagem é curta e objetiva?
- c) A frase “Você não dorme melhor sabendo que é seu próprio patrão?” é representativa de qual voz social?
- d) E a frase “Eu não durmo” ecoa qual voz social?
- e) Na fala de qual dos personagens é possível encontrar a crítica presente na charge?

A questão 1) solicita a reflexão e a elaboração de hipóteses sobre a construção textual-discursiva do gênero charge a partir de algumas características expostas no próprio comando da questão, bem como alguns apontamentos sobre o contexto de produção. Caracteriza-se como um exercício de operação sobre a língua (Geraldi, 1991), em especial, a respeito de alguns recursos expressivos característicos do gênero, como, por exemplo, a constituição de períodos curtos e o tom irônico. As atividades epilinguísticas se centram nos recursos expressivos, a considerá-los a partir das características do gênero discursivo (Perfeito; Cecília; Costa-Hübes, 2007). As características do gênero discursivo são explicitamente marcadas no enunciado das questões, por se constituírem como um aspecto diferencial dessa fase.

A questão 2) amplia o processo de compreensão a partir da análise de alguns recursos expressivos que constituem o gênero charge. Em 2a) e 2b), reflete-se sobre a extensão dos períodos nas falas dos personagens, porque é característica do gênero frases curtas. A atividade estimula a criação de hipóteses sobre sentidos a respeito dessa questão sintática, com base em características do gênero discursivo. Em 2c) e 2d), propõe-se uma reflexão a respeito das vozes sociais que são recuperadas pelas falas das personagens na charge, a evidenciar que a natureza extraverbal dos enunciados se marca linguisticamente pela escolha dos recursos que o compõem (Perfeito; Cecílio, Costa-Hübes, 2007; Kuhn; Flores, 2008). Na charge, o primeiro personagem parece reproduzir o discurso neoliberal propagandeado pela mídia a enaltecer a informalidade e, por meio de um período extenso – “VOCÊ NÃO DORME MELHOR SABENDO QUE É SEU PRÓPRIO PATRÃO?” –, esconde as reais condições a que esses trabalhadores são submetidos. Por sua vez, a fala sucinta e objetiva do segundo personagem, já que está sem dormir, revela a realidade precária do trabalhador informal, em contraste à fala anterior. As questões buscam, por meio da análise da extensão dos períodos, refletir sobre o embate de vozes sociais sobre as condições de trabalho que se constroem e se marcam na e pela linguagem. A partir da exemplificação de uma proposta de atividades epilinguísticas, depreendem-se suas principais características no Quadro 5 abaixo.

Quadro 5 – Características das atividades epilinguística – segunda fase da AL (2000-2010)

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none">1. Centram-se nos recursos expressivos que constituem o enunciado, em especial na configuração composicional, temática e estilística do gênero discursivo.2. Promovem a reflexão sobre a seleção dos recursos expressivos que caracterizam o gênero discursivo.3. Buscam a construção de sentidos por meio da análise dos recursos expressivos que caracterizam o gênero discurso.4. Refletem a respeito das escolhas dos recursos expressivos em face às características do gênero discursivo a relacioná-las ao contexto e às condições de produção. |
|---|

Fonte: Elaborado pelos autores.

A seguir, expõem-se e discutem-se possibilidades de atividades metalinguísticas.

Exemplos de atividades metalinguísticas

- 1) *Crie hipóteses do porquê a charge é composta por pouco texto verbal?*
- 2) *Denomina-se de período uma unidade linguística com sentido completo, formado por, no mínimo, uma oração, ou seja, uma frase com verbo. A partir desse conceito, reflita:*
 - a) *A charge é constituída apenas por dois períodos. O que esses dois períodos representam?*
 - () *A fala de cada um dos personagens.*
 - () *A oposição de duas posições ideológicas diferentes.*
 - () *A simples tradução, em texto escrito, da expressão facial dos personagens.*
 - () *A apresentação de citações.*
 - b) *No gênero charge, é comum a ocorrência de poucos períodos?*
 - c) *Seria adequado, nesse gênero, períodos muito extensos, formados por várias orações?*
 - d) *A opção por poucos períodos e curtos foi importante para a construção de sentidos na charge?*

Embora as atividades metalinguísticas tenham recebido menor ênfase na segunda década de constituição da AL em comparação às epilinguísticas, torna-se oportuno exemplificar e caracterizar possibilidades desse tipo de atividade. Para esses exemplos, escolheu-se, dentre os recursos expressivos, refletir sobre os períodos na construção textual-discursiva da charge. Tal como na primeira fase, as atividades metalinguísticas podem se referir exclusivamente a um aspecto linguístico, gramatical, textual ou discursivo. Pretende-se iniciar a abordagem da noção de período, a partir da questão 1), com a criação de hipóteses a respeito da organização textual-discursiva do gênero charge. Logo após, inicia-se especificamente a reflexão sobre a organização dos períodos, como proposto pela gramática tradicional, por meio da exposição do conceito.

Em 2a) e 2b), busca-se analisar os períodos que compõem a charge em relação ao que representam a fim de iniciar o processo de reflexão de que a estrutura textual escolhida está relacionada ao projeto de dizer do autor, às possibilidades de construção do gênero discursivo e aos aspectos extraverbiais que o constituem. Em sequência, em 2c), questiona-se sobre a pertinência de períodos mais extensos no gênero charge para que se reflita como um aspecto gramatical atua na constituição composicional e estilística de um gênero em específico, como no caso da charge. Com a questão 2d), o intuito é observar que a reflexão a respeito dos períodos não ficou restrita à aprendizagem conceitual, a se tornar fator relevante para a construção de sentido na charge.

A abordagem da metalinguagem por meio da análise de enunciado concreto a partir de concretização em gênero discursivo busca corroborar com o conhecimento dos aspectos gramaticais, linguísticos e discursivos da língua sempre de modo processual-discursivo, conforme apresentado no Quadro 6.

Quadro 6 – Características das atividades metalinguísticas – segunda fase da AL (2000-2010)

1. Centram-se nos recursos expressivos que constituem o enunciado a enfatizar sua natureza linguística, textual, discursiva e gramatical em face às características do gênero discursivo.
2. Buscam estimular a criação de hipóteses sobre o funcionamento dos recursos linguísticos, textuais, discursivos e gramaticais a respeito do gênero discursivo.
3. Buscam a construção de conhecimento a respeito de aspectos linguísticos, textuais, discursivos, gramaticais a partir da análise do gênero discursivo e em atenção às suas características.
4. Refletem sobre os sentidos e o funcionamento que os recursos linguísticos, textuais, discursivos, gramaticais podem estabelecer na constituição do gênero discursivo.
5. Podem encaminhar um processo sistemático de aprendizagem acerca de recursos linguísticos, textuais, discursivos, gramaticais e linguísticos de modo processual-recursivo.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Terceira Fase (2010-2020): o delineamento de uma perspectiva dialógica

A terceira fase de constituição da AL – década de 2010 em diante – é marcada, em linhas gerais, por proposições mais metodológicas e didáticas, com o intuito de contribuir para que a AL se efetive em sala; por conseguinte, destacam-se pesquisas de caráter aplicado, com sugestões de atividades e análises de práticas docentes. Nesse ínterim, a maior preocupação não é com a definição de análise linguística, mas sim com a expansão de seus aspectos conceituais e, sobretudo, metodológicos – e até mesmo práticos. Destaca-se um movimento de reenunciar as vozes precursoras da PAL, de forma especial, em relação às atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas – Geraldi (1991) e Franchi (1991 [1987]) – com expansões mais explícitas e específicas, segundo os pressupostos da concepção dialógica de linguagem, em direção a uma compreensão ética, responsiva e valorativa do enunciado. Nesse cenário, destacamos as contribuições de Ritter (2012), Costa-Hübes (2017), Polato (2017) e Polato e Menegassi (2019a, 2019b) de forma a representar a produção significativa desse período na construção de uma perspectiva dialógica para o trato da AL. Essa abordagem sobre a AL se encontra em processo de expansão com pesquisas que buscam a discussão de suas proposições teórico-metodológicas (Polato, 2017; Acosta Pereira, 2018; Polato; Menegassi, 2019a, 2019b; Acosta Pereira; Costa-Hübes, 2021; Acosta Pereira, 2022), a aplicação dos princípios teórico-metodológicos em análise de enunciados concretos (Polato; Menegassi, 2017; Gomes; Romualdo, 2020) e a proposição de elaborações didáticas e/ou sugestões de práticas docentes (Costa-Hübes, 2017; Mendes-Polato, 2018; Ohuschi, 2019; Polato; Menegassi, 2020; Mendes-Polato; Ohuschi; Menegassi, 2020; Ohuschi; Fuza; Striquer, 2020; Ohuschi; Paiva, 2020; Ciavolella, 2022).

O enfoque no enunciado concreto, a considerar sua dimensão sociodiscursiva, é contemplado por Ritter (2012) em sua tese de doutorado. A autora desenvolveu uma pesquisa colaborativa com docentes do Ensino Médio cujo objetivo foi preparar e desenvolver uma proposta pedagógica de leitura e de análise linguística com o gênero discursivo crônica. Ao abordar esse gênero por meio das PAL, não o faz apenas por sua dimensão cognitiva a favor de uma caracterização e de um reconhecimento formal dos gêneros. Considera, sobretudo, sua dimensão sociodiscursiva, o que possibilita que os estudantes tomem atitudes responsivas ativas e críticas diante dos enunciados com os quais interagem.

Ao destacar o papel da PAL para o “desenvolvimento de posturas críticas”, Ritter (2012, p. 128) destaca o compromisso ético das aulas de LP no processo de emancipação dos estudantes. Apesar das fases precedentes de desenvolvimento da AL considerarem a dimensão social do enunciado, seu contexto e suas condições de produção (Geraldi, 1991), observa-se a necessidade de abordar a linguagem e a língua com o intuito de compreender e de se posicionar perante as relações de poder que se engendram nas situações de interação discursiva. Por isso, o gênero discursivo permanece em destaque nas aulas de LP, porém passa a ser compreendido, sobremaneira, por seu funcionamento sociodiscursivo, a expandir e focalizar encaminhamentos já previstos na década precedente (Perfeito; Celílio; Costa-Hübes, 2007; Kuhn; Flores, 2008).

Na mesma perspectiva, Costa-Hübes (2017) apresenta uma proposta de PAL a partir do gênero discursivo autobiografia. Em consonância a Ritter (2012), a autora preconiza que a PAL tem por escopo o enunciado concreto, a considerar, para isso, todo os aspectos que constituem o gênero discursivo, ou seja, as dimensões social e verbal. Para o desenvolvimento da PAL ser significativo, é fundamental reconhecer a indissociável relação da vida com o discurso e do discurso com as estruturas linguísticas que se organizam no acabamento estilístico do gênero discursivo. Apesar de a dimensão social do enunciado ser abordada em fases precedentes à AL, nesse momento, enfocam-na como aspecto fulcral para o trabalho com a linguagem e língua em sala de aula. A PAL passa a adquirir cada vez mais contornos dialógicos a considerar a língua em sua natureza social, histórica, dialógica e ideológica, aspectos esses que se refratam e se refletem nos recursos expressivos com os quais a língua se materializa e se faz no acabamento estilístico do enunciado.

São estabelecidos dois compromissos basilares para a PAL na perspectiva dialógica: (1) a ampliação da consciência socioideológica dos sujeitos e (2) a compreensão valorada dos recursos expressivos que constituem a língua. Esses interesses se coadunam à defesa de uma dimensão ética para o ensino de LP ao considerar os alunos como sujeitos que agem ativamente nas práticas de linguagem.

Polato e Menegassi (2019a, 2019b) propõem a PAL como uma atividade voltada à compreensão valorada do discurso cuja reflexão acerca dos recursos expressivos proporciona a expansão da consciência socioideológica, a tornar consciente e instigar o posicionamento ativo no que tange às relações sociais que se constroem nas situações de interação discursiva. Por conseguinte, as atividades epilinguísticas assumem o caráter ético a suscitar uma reflexão das valorações e ideologias que se constroem pelos recursos expressivos. A compreensão valorada do discurso implica necessariamente o reconhecimento da relação indissociável entre língua, valor, ideologia, estilo e gramática.

Nesse sentido, os autores também apresentam ampliações dialógicas às atividades metalinguísticas, a acrescentar-lhes o enfoque não simplesmente na compreensão cognitiva dos aspectos gramaticais, mas, sobremaneira, em direção a uma interpretação valorativa. As atividades metalinguísticas consideram a gramática a compreendê-la pelo seu aspecto valorativo no acabamento estilístico na constituição do enunciado. De forma geral, apresentam-se as principais características da terceira fase da AL no Quadro 7.

Quadro 7 – Características da terceira fase da AL (2010-2020)

1. Assume um delineamento dialógico-valorativo, centrado na compreensão valorada do discurso e na ampliação da consciência socioideológica.
2. Vincula-se diretamente às demais práticas de linguagem e busca o desenvolvimento de posturas éticas e críticas dos sujeitos.
3. As atividades epilinguísticas se caracterizam pela sua natureza ética a promover a reflexão valorada do discurso por meio da análise dos recursos expressivos como escolhas estilísticas, valorativas e axiológicas.
4. As atividades metalinguísticas contemplam tanto o aspecto cognitivo quanto sociovalorativo dos recursos expressivos que constituem a língua e a linguagem.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir das principais proposições a respeito da PAL em perspectiva dialógica, apresentam-se alguns exemplos de atividades epilinguísticas.

Exemplos de atividades epilinguísticas

1) *A partir do título da charge “Os empreendedores”, reflita e discuta:*

a) *A considerar o contexto social a que charge faz referência, os personagens são empreendedores, pela profissão que representam?*

b) *A qual valor é possível associar a palavra “empreendedores” no contexto da charge?*

2) *A respeito da escolha pela palavra “empreendedores”, título da charge, assinale o que é adequado.*

() *Constitui-se como uma escolha equivocada, pois não corresponde à função que os personagens exercem.*

() *Constitui-se como uma escolha valorativa, a fim de mostrar a visão contrária do autor à falsa condição de empreendedores conferida aos entregadores de aplicativos.*

() *Articula-se às características do gênero discursivo crônica que tem por objetivo apresentar o confronto de vozes sociais diferentes.*

() *Serve simplesmente para caracterizar o tema da charge: novas formas de empreendedorismo no Brasil.*

A questão 1a) propõe uma reflexão sobre a escolha do termo “empreendedores”, a convidar os estudantes a assumirem uma posição responsiva ativa e avaliarem se concordam ou não com a referência aos personagens representados na charge como empreendedores, a partir do contexto social que perpassa o enunciado. Objetiva-se, assim, contribuir para a compreensão valorada do discurso e o desenvolvimento de postura crítica em relação ao enunciado, de forma a contribuir para a expansão da consciência socioideológica dos estudantes (Ritter, 2012; Polato; Menegassi, 2019a, 2019b). Em 1b), estimula-se a pensar sobre a valoração atribuída ao termo na charge, porque sua escolha se coaduna às estratégias de dizer mobilizadas pelo chargista a partir de seu horizonte valorativo, a refratar seu posicionamento axiológico diante do tema.

A questão 2) expande o processo de compreensão valorada do discurso ao abordar a escolha do termo “empreendedores” em razão, sobretudo, de um recurso estilístico para marcar posicionamentos valorativos característicos do gênero discursivo crônica: a ironia.

De forma geral, as questões se caracterizam como epilinguísticas porque promovem a reflexão de um recurso expressivo em uso a contemplar sua dimensão valorativa e estilística e, por isso, convidam o sujeito a agir pela linguagem e assumir o seu papel ético para refletir e posicionar-se a respeito das relações sociais que se constroem por meio da linguagem (Ritter, 2012; Polato; Menegassi, 2019a, 2019b), conforme o Quadro 8.

Quadro 8 – Características das atividades epilinguísticas – terceira fase da AL (2000-2010)

1. Promovem a compreensão valorada do discurso.
2. Estimulam a tomada de posição responsiva ativa perante ao enunciado.
3. Constituem-se como um exercício de natureza ética, a favorecer o desenvolvimento de posturas críticas e a expansão da consciência socioideológica.
4. Centram-se nos recursos expressivos que constituem o enunciado, a compreendê-los pela sua natureza valorativa.
5. Promovem a reflexão sobre a escolha dos recursos expressivos que caracterizam o gênero discursivo a partir do contexto sociodiscursivo que o engendra.
6. Buscam a construção de sentidos e de valores por meio da análise dos recursos expressivos que atuam no acabamento estilístico do gênero discurso.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na sequência, são apresentadas e exemplificadas possibilidades de atividades de análise linguística metalinguísticas a partir da perspectiva dialógica de trabalho com a AL.

Exemplos de atividades metalinguísticas

1) *A ironia é uma figura de linguagem caracterizada pelo emprego de um termo linguístico com o sentido contrário ao que tradicionalmente é conhecido ou utilizado. Na charge, a palavra “empreendedores” representa uma ironia, uma vez que os personagens são trabalhadores informais, sem as garantias previstas em lei. A partir disso, reflita e responda:*

- a) *É possível afirmar que a palavra “patrão” também representa uma ironia?*
- b) *Qual é a importância da ironia para a construção de sentido e das valorações na charge?*
- c) *Construa outra frase irônica a fim de tensionar as vozes sociais em confronto no contexto da charge.*

A pergunta 1) é de natureza metalinguística porque contribui com a construção de conhecimento a respeito de saberes científicos sobre a língua, em específico sobre a figura de linguagem ironia. Contudo, o propósito não é memorizar, tampouco identificar a ironia, mas, sobretudo, refletir sobre seu papel estilístico e valorativo no enunciado (Menegassi; Polato, 2019b). Assim, em 1a), pretende-se refletir a respeito da ironia que também se faz presente por meio do termo “patrão”, já que, na charge, o termo é utilizado com o sentido oposto ao que lhe é tradicionalmente atribuído. Já em 1b), o objetivo é discutir a importância dessa figura de linguagem para a constituição do gênero discursivo e para o propósito discursivo do autor. Na questão 1c), estimula-se, por meio de um exercício de construção linguística, que os estudantes escrevam frases irônicas a tensionar os valores sociais em confronto na charge. Mendes-Polato, Ohuschi e Menegassi (2020, p. 150) justificam esse formato de atividade como uma possibilidade para que o estudante enriqueça sua linguagem: “Tampouco importa

estudar a escolha gramatical como um ato de estilo, se o aluno não puder enriquecer a sua linguagem, a apreender os possíveis efeitos no uso efetivo”. A partir da exemplificação das atividades, expõe-se a caracterização no Quadro 9.

Quadro 9 – Características das atividades metalinguísticas – terceira fase da AL (2000-2010)

1. Centram-se nos recursos expressivos que constituem o enunciado a enfatizar sua natureza linguística, textual, discursiva e gramatical a partir de seu papel estilístico-valorativo no enunciado.
2. Buscam a construção de conhecimento a respeito de aspectos linguísticos, textuais, discursivos e gramaticais como elementos constitutivos dos aspectos temáticos, composicionais e estilísticos dos gêneros discursivos.
3. Refletem sobre os sentidos e o funcionamento que os recursos linguísticos, textuais, discursivos e gramaticais podem estabelecer na constituição do gênero discursivo especialmente sobre enfoque estilístico-valorativo.
4. Podem encaminhar um processo sistemático de aprendizagem acerca de recursos linguísticos, textuais, discursivos e gramaticais a partir da análise estilístico-valorativa do enunciado.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerações Finais

O objetivo deste texto foi elaborar, exemplificar e caracterizar as atividades de análise linguística a fim de contribuir com o processo de constituição e de caracterização teórico-metodológica desse eixo de ensino a partir de um recorte temporal de três fases: 1ª) 1980-1990; 2ª) 2000-2010; e 3ª) 2010 até os dias atuais. Para tanto, tomamos o enunciado concreto “Os empreendedores”, representativo do gênero charge, como objeto para a elaboração das atividades de cada uma das fases, pela abordagem de prospecção-exemplificativa.

A primeira fase, precursora da AL, sustenta-se na concepção de linguagem como forma de interação e estabelece-se pelos escritos de Geraldi (1984, 1991) e de Franchi (1991). A AL é concebida como uma prática que prioriza a reflexão sobre a língua em uso, ou seja, pelos recursos expressivos que a constituem, entendidos como possibilidades de construção de sentido e de estratégias de dizer, mobilizados pelos sujeitos na leitura e na escrita de textos (Geraldi, 1991). A tônica se centra na propriedade de o sujeito operar com, pela e sobre a língua nas aulas de Língua Portuguesa. Por isso, como grande contribuição da primeira fase, aponta-se a proposição do tripé metodológico de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas. Além disso, as atividades de AL são caracterizadas como aquelas cujo objeto de análise são os recursos expressivos, como elementos fundamentais do processo de construção de sentido.

A segunda fase se caracteriza por fazer da AL um espaço de reflexão sobre a constituição do gênero discursivo a partir das escolhas linguístico-discursivas (Perfeito; Cecílio; Costa-Hübes, 2007; Kuhn; Flores, 2008). Busca-se, assim, entender as escolhas dos recursos expressivos a partir de sua relação com os gêneros discursivos e das condições e do contexto de produção. Admite-se uma indissociável relação entre a língua e os gêneros discursivos, protagonistas na mediação das práticas de leitura, de produção textual e de análise linguística. Dessa forma, as atividades focalizam as características temáticas, composicionais e estilísticas a partir da mobilização dos recursos expressivos disponíveis na língua. Logo, a grande

contribuição da segunda fase é o ato de olhar para os recursos na atuação na constituição de um gênero discursivo. Em relação à primeira fase, a diferença é associar o recurso expressivo em análise a um aspecto característico do gênero discursivo para refletir sobre o processo de construção de sentido. Amplia-se a análise do contexto extraverbal como condicionante do processo de construção de sentido por meio dos recursos expressivos, materializados no acabamento do gênero discursivo.

A terceira fase, por sua vez, concebe a AL a partir de seu compromisso ético de favorecer a compreensão valorada do discurso e a ampliação da consciência socioideológica (Polato, 2017; Polato; Menegassi, 2019a, 2019b). Por conseguinte, as atividades buscam a reflexão sobre como os recursos expressivos se constituem como escolhas valorativas, a refratar e refletir as ideologias que se fazem e se mostram pela linguagem. A grande contribuição é o ato de pensar os recursos expressivos como signos ideológicos que refratam e refletem os discursos e as relações de poder existentes na sociedade que, por sua vez, moldam-se na arquitetura do gênero discursivo. Assim, busca-se, para além da construção do sentido do recurso expressivo no enunciado, a compreensão das relações axiológicas e valorativas que são estabelecidas a fim de que o estudante assuma de forma ética uma posição responsiva frente ao enunciado. Em relação à primeira fase, busca-se, além da construção do sentido e da compreensão de que os recursos expressivos são estratégias de dizer, a reflexão de que os recursos expressivos são signos ideológicos, que materializam os valores sociais e as relações de poder existentes na sociedade. Por sua vez, em relação à segunda fase, avança-se no sentido de considerar o gênero discursivo como um enunciado cujos aspectos temáticos, composicionais e estilísticos são perpassados por questões sociais e valorativas.

O trabalho em torno da AL continua em expansão, de forma especial com estudos que ampliam as proposições da terceira fase com enfoque nas questões sociais e valorativas da linguagem (Acosta Pereira; Costa-Hübes, 2021; Acosta Pereira, 2022; Polato; Menegassi, 2022). Apesar de as pesquisas em AL, nas três fases, caracterizarem-se por seu compromisso com orientações teórico-metodológicas, ainda se observam muitos entraves para que se efetive no contexto escolar pela distância temporal e de acesso que separam os saberes produzidos pela academia com a realidade da maioria dos professores da Educação Básica. Ao se debruçar sobre a história de constituição da AL por meio da exemplificação de atividades, assume-se um compromisso ético de contribuir para a formação do professor da Educação Básica como um agente mediador de práticas de análise linguística. Portanto, advoga-se sobre a necessidade de fazer a fase em expansão da AL no Brasil ser voltada à formação do professor da Educação Básica, seja em contexto de formação inicial ou continuada, a privilegiar, sobretudo, a prática de preparação de atividades, instrumentos indispensáveis para a ampliação da consciência socioideológica de docentes e pesquisadores e para a mediação de práticas de análise linguística no espaço escolar.

Referências

- ACOSTA PEREIRA, R. A prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa: por uma ancoragem dialógica. *Revlet- Revista Virtual de Letras*, v. 10, n. 01, p. 182-200, 2018.
- ACOSTA PEREIRA, R. *A prática de análise linguística/semiótica de base dialógica: reflexões para leitores iniciantes*. São Carlos: Pedro & João, 2022.
- ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. (Org.). *Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
- ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J. Conceitos de leitura e ensino de língua. In: ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F. (Orgs.). *Leitura e ensino de língua*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 13-84.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução: BEZERRA, P. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979]. p. 261-306.
- BECHARA, E. *Moderna gramática brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. *Análise Linguística: afinal a que se refere?* São Paulo: Cortez, 2013.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- CECÍLIO, S. R. *O ensino de língua portuguesa e os gêneros discursivos: um estudo de análise linguística a partir dos gêneros carta de reclamação e texto de divulgação científica*. 2009. 281 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.
- CIAVOLELLA, B. *Práticas de análise linguística com docentes do 5º ano do Ensino Fundamental*. 2022. 365 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022.
- COSTA-HÜBES, T. C. Prática de análise linguística no ensino fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. *Percursos Linguísticos*, v. 7, n. 14, p. 270-294, 2017.
- FRANCHI, C. *Criatividade e gramática*. São Paulo: Secretaria da Educação, 1991 [1987].
- GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984a.
- GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984c [1981]. p.41-48.
- GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes: 1991.
- GERALDI, J. W. Prática da leitura de textos na escola. In: GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984d [1983]. p. 77-88.
- GERALDI, J. W. Unidades básicas do ensino de Português. In: GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984b [1981]. p. 49-69.

GOMES, S. N. S.; ROMUALDO, E. C. O funcionamento textual-discursivo de recursos linguísticos em “A última crônica”, de Fernando Sabino. *Revista de Educação e Linguagens*, v. 9, n. 17, p. 605-628, 2020.

KUHN, T. Z.; FLORES, V. N. Enunciação e ensino: a prática de análise linguística na sala de aula a favor do desenvolvimento da competência discursiva. *Letras de Hoje*, v. 43, n. 1, p. 69-76, 2008.

MENDES-POLATO, A.; MENEGASSI, R. J. O conto em prática de análise linguística. In: BARROS, E. M. D.; STRIQUER, M. S. D.; STORTO, J. S. (Orgs.). *Propostas didáticas para o ensino de língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 2018. p. 43-69.

MENDES-POLATO, A.; OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R. J. Análise linguística em charge: sequência de atividades dialógicas. *Línguas & Letras*, v. 21, n. 49, p. 127-154, 2020.

MENDONÇA, M. Análise linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). *Português no Ensino Médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 199-227.

MENEGASSI, R. J. O valor humano em atividades de leitura. In: CUNHA, M. A. D.; FARIA JUNIOR, F. M. (Orgs.). *Linguagens e escolas – e agora?* Problematizações, intervenções e desafios. Campinas: Pontes, 2024. p. 95-116.

MENEGASSI, R. J. A compreensão leitora nos anos iniciais do ensino fundamental. In: ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F. (Orgs.). *Leitura e ensino de língua*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 85-130.

MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F.; ANGELO, C. M. P. A leitura em perspectiva dialógica: atividades com o poema. In: ANGELO, C. M. P.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F. (Orgs.). *Leitura e ensino de língua*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 371-418.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da linguística a linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

OHUSCHI, M. C. G. *Proposta de atividades de análise linguística nos cadernos “Poetas da escola” e “Se bem que me lembro” da Olimpíada de Língua Portuguesa*. 2019. Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral em Letras (Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

OHUSCHI, M. C. G. *Ressignificação de saberes na formação continuada: A responsabilidade docente no estudo das marcas linguístico-enunciativas dos gêneros notícia e reportagem*. 302 f. 2013. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

OHUSCHI, M. C. G.; FUZA, A. F.; STRIQUER, M. S. D. Análise linguística dialógica em anúncio publicitário. In: FRANCO, N.; ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. (Orgs.). *Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas*. Campinas: Pontes, 2020. p. 213-240.

OHUSCHI, M. C. G.; PAIVA, Z. L. R. Elaboração de atividades de análise linguística: entre o conhecimento sobre a língua e a compreensão do texto. In: FUZA, A. F.; OHUSCHI, M. C. G.;

- MENEGASSI, R. J. (Orgs.). *Interação e escrita no ensino de língua*. Campinas: Pontes, 2020. p. 119-136.
- PERFEITO, A. B. Concepções de Linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: SANTOS, A. R.; RITTER, L. C. B. (Orgs.). *Concepções de linguagem e ensino*. Maringá: EDUEM, 2005. p. 27-79.
- PERFEITO, A. M.; CECÍLIO, S. R.; COSTA-HÜBES, T da C. Leitura e análise linguística: diagnóstico e proposta de intervenção. *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences*, v. 29, n. 2, p. 137-149, 2007.
- POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. A epistemologia dialógica da análise linguística. *Fórum Linguístico*, v. 16, n. 2, p. 3742-3757, 2019b.
- POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. Atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas: expansão dialógica. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 28, n. 3, p. 1059-1098, 2020.
- POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. Epistemologia teórica do nascimento da prática de análise linguística: décadas de 80 e 90. In: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. (Orgs.). *Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 21-72.
- POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O estatuto dialógico da análise linguística: caracterização teórico-pedagógica. *Acta Scientiarum: Language and Culture*, v. 41, n. 2, p. 1-12, 2019a.
- POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais: um estatuto dialógico para a análise linguística. *Bakhtiniana*, v. 12, n. 2, p. 123-143, 2017.
- POLATO, A. M. *Análise Linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico*. 2017. 213 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.
- PORTO, I. M. N. *Análise linguística, via refacção textual: no contexto dos gêneros discursivos como eixo de progressão curricular*. 125 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.
- RITTER, L. C. B. *Práticas de leitura/análise linguística com crônicas no ensino médio: proposta de elaboração didática*. 242 f. 2012. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- RODRIGUES, R. H. A prática de análise linguística: emergência, reenunciações, abrangência e produtividade do conceito. In: ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. (Orgs.). *Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 73-106.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

Recebido em: 20/03/2024.

Aceito em: 14/07/2024.